1989: a fantástica batalha pela liberdade

Residência cinematográfica, onde não faltavam uma paradisíaca piscina e algumas quadras de tênis. Em qualquer outro país, inclusive no Brasil, o assalto passaria provavelmente sem chamam a atenção. Mas no Chile constituía, sem dúvida, um insulto à velha tradição de austeridade dos líderes republicanos. Eu mesmo, ao chegar ao exílio, em maio de 1964, pude ver, com um misto de assombro e alegria, como o Presidente José Alessandri caminhava absolutamente só pela Praça Cívica, na capital chilena, em direção ao Palácio La Moneda. Com o seu velho sobretudo, lá ia ele, naquela manhã do invierno chileno, como qualquer funcionário público, na direção de seu trabalho.

Por que esta fantástica contradição entre a retórica socialista e a realidade? perguntaria mais tarde ao enviado do jornal Le Monde, que se autopropunha bem-informado e independente. O francês Édouard Balbry respondeu-me que isso não era um fato relevante. “O fundamental — me ensinou Balbry — é que Allende está lançando as bases do socialismo democrático que vai perdurar pelos próximos cem anos.”

Mas, Le Monde estava equivocado e nem era bem-informado como se dizia. Com tantos palácios em seu curriculum, Allende mal suportaria três anos de governo, e de fato terminaria suicidando-se nas ruínas da Moneda.

O latifúndio dos Ceausescu

Para os que conheceram os subterrâneos da burocracia comunista, o mar de lama que invades os países do Leste Europeu não constitui novidade. A novidade provavelmente está na ostentação demencial revelada, por exemplo, nas torneiras de ouro ou na invasão dos museus para a retirada das obras de arte.

Além disso, no caso da tirania Ceausescu, o fato mais marcante é, sem dúvida, a crueldade com que a população romena foi tratada durante tanto tempo. Ante a dívida externa de US$ 10 bilhões, acumulada por uma série de obras faraônicas, o governante não hesitou em impor um drástico racionamento de alimentos, desviando boa parte da produção agrícola para o exterior. Em troca, depositava uma parte das divisas acumuladas em contas numeradas na Suíça.

Nos hospitais de Bucareste, os médicos eram obrigados a manter seus doentes na cama porque não havia caiação, mesmo no auge do inverno europeu. Era a única maneira de conservá-los aquecidos. Em troca, os 30 membros da família Ceausescu, que de fato governavam a Romênia, desfrutavam de fantásticas mansões e inumeráveis mordomias. Frequentemente trocavam entre si toda sorte de condecorações, não faltando nem mesmo um poeta oficial, que exaltasse Nicolae Ceausescu como “O Gênio dos Carpas” ou “O Pensador do Danúbio”.

Para manter um feroz controle sobre a população, o governo dispunha de comitês de vizinhos que denunciavam à polícia qualquer atividade suspeita. Isto é, grupos de delegados no mesmo estilo dos existentes em Cuba, onde dominam os conhecidos Comitês de Defesa da Revolução (CDR), que permitem ao ditador Fidel Castro conhecer em detalhes a vida privada de cada cidadão cubano.

Um detalhe revelador da atividade demencial dos Ceausescu: polícia política mantinha uma rede de prostituição para aprofundar nos mínimos detalhes o processo de espionagem. O modelo, aliás, não era uma exclusividade romena. De fato, havia nascido muito antes da ascensão de Nicolae, idealizado por Laurence Béria, o famoso chefe da polícia de Stalin. Ainda hoje prevalece em Cuba, na China, Angola, Coreia do Norte e outros bastiões stalinistas menos votados.

O caos econômico

Naturalmente, não são só a corrupção, o nepotismo e a...
burocracia que ameaçam o império comunista. O que realmente vem pondos em xeque a outrora inexpugnável fortaleza marxista é o generalizado caos econômico que se estende das fronteiras soviéticas aos mais recônditos limites das ex-repúblicas populares.

Para início de conversa, o próprio Gorbachev enfrenta um dramático desafio para converter o atual caos econômico soviético num modelo viável de transição para uma nova economia. Não vai ser fácil vencê-lo. Domesticamente, o orçamento da URSS revela um déficit três vezes maior que o próprio déficit norte-americano, que já não é pequeno. Como eliminá-lo sem agravar as penosas condições de vida que a população já enfrenta, ou sem irradiar a nova classe plena de mordomias?

O fantástico déficit orçamentário da União Soviética se traduz no avanço incontrolável da inflação, na redução dos investimentos mais essenciais, e finalmente explode nas filas intermináveis que perseguem as coisas mais simples do consumo. Principalmente gêneros alimentícios, frutas, rooupas, calçados e outros artigos essenciais. Com as greves nas minas de carvão, onde as condições de trabalho são realmente desumanas, o frio começou juntamente com uma generalizada carência de combustível para calefação.

-O inverno russo, que já destruiu Napoleão, poderá derrubar Gorbachev? - eis a pergunta angustiada de milhões de partidários da perestroika não apenas dentro da ex-Cortina de Ferro, como no interior da própria Europa liberal.


Outro desafio é ampliar a produtividade industrial baseada. Substituir bens de capital tecnologicamente superados. De fato, a URSS necessita de um urgente “banho tecnológico”, mas como alcançá-lo se o próprio fato gerador do atraso técnico - a propriedade estatal dos meios de produção - permanece?

Todos estes fatores conduziram à irreversível deterioração da União Soviética nos anos 70. Alterar este quadro de dificuldades não será fácil para a revolução de Gorbachev, mesmo quando a sr. Thatcher ou o sr. Bush sejam em sua ajuda pedindo aos alemães que não falem em reuniificação ou implorando mais serenidade aos reformistas do leste europeu.

**Os milionários da URSS podem salvar Gorbil**

Uma pesquisa recente, publicada pela economista Tatiana Koriaguina, no Konomolnaya Pravda, revelou que a economia subterrânea, na qual se insere o fantástico mercado negro da URSS, movimenta o equivalente a US$ 160 bilhões - a metade do PIB brasileiro - o que em termos reais poderia significar 1 trilhão e meio de rublos.

Como funciona esta “economia invisível”? É simples, diz a pesquisa. Como em Moscou, por exemplo, as oficinas mecânicas do Estado levam de um a dois meses para fazer uma simples regulagem de automóvel, surgiram também chamada economia informal para realizar o trabalho. Em geral, são os melhores mecânicos de Moscou que executam esta tarefa, fora de sua jornada de trabalho, perdendo muitas vezes seus próprios domingos em troca de uma remuneração adequada.


Enfim, esta atividade subterrânea se estende a todos os setores. Na agricultura os camponeses que trabalham pequenos lotes de terra, embora disponham apenas de uma porção entre 5 e 10% da área agrícola da URSS, produzem cerca de 30% da colheita total. É graças a eles que os mercados de Moscou podem oferecer produtos que raramente estão presentes nas tendas oficiais: hortaliças, aves, ovos e frutas.

Quanta gente está empregada nessa economia subterrânea? A economista Tatiana responde:

"Um 30 milhões de habitantes da URSS fazem parte direta ou indiretamente desse mercado negro, no qual, aliás, se pode identificar..."
um número surpreendente de milionários.”

Quantos? De 15 a 30 mil milhões, segundo as cifras da economista. Mas é graças a eles que a URSS ainda funciona – testemunha um antigo correspondente norte-americano em Moscou. Sua riqueza está expressa em jóias, ícones, lingotes de ouro, dólares, antiguidades, imóveis, automóveis, como em qualquer vila de país de hiperinflação.

Paradoxalmente, é esta gente que poderá salvar a cabeça de Gorbachev. Alguns deles, como Abran Aizengberg, do clã fabricante de roupas moderninhas em Moscou, já acumularam uns 3 milhões de rublos com o movimento de suas duas fábricas clandestinas. Embora Abran já tenha passado uma boa temporada nas “casas de mortos” da Sibéria, acusado de “atividades anti-sociais” — a fabricação de jaquetas, por exemplo — ele continua fazendo roupas e desafiando a burocracia.

Qual é a força de Abran Aizengberg, fabricante clandestino de roupas feitas? Ele mesmo diz: “Meus amigos não podem entender que eu tenha desafiado a prisão e até mesmo a morte para continuar com minha empresa. Mas esse trabalho é a minha vida. E minha vida é meu negócio.”

Existem outros milhões de russos que sonham não passar a vida contando carneirinhos nas empreitadas de repartições da burocracia. Eles talvez possam exercer um papel de destaque no desenvolvimento da revolução liberal de Gorbachev.

**Nuvens ameaçadoras**

Mas as nuvens são cada vez mais ameaçadoras para o perestroika. A penúria econômica se traduz, por exemplo, no ninho de sua moeda. Embora a cotação do dolar no mercado oficial se expresse em 1 dólar por 0,6 rublos, o mercado real já está oferecendo 15 rublos por dolar. A cotação do rublo era três vezes maior há menos de um ano, quando o mercado negro pagava 5 por dolar.

Naturalmente, a deterioração da moeda, tão como prevalece em qualquer país subdesenvolvido, está diretamente relacionada com o estamento político. O fenômeno é extensivo a todos os demais países do Comecon. Na Alemanha Oriental, um ostmark está cotado oficialmente a 0,54 por dólar, no mercado negro vale apenas 0,64. Na Polônia, o złoty oficialmente é cotado a 0,03 por dólar, no mercado negro, se paga até cinco vezes mais. Na Hungria, o forint vale oficialmente 0,17 por dólar, embora no mercado negro o valor seja bastante menor: 0,13. Enfim, a mesma coisa acontece na Tchecoslováquia, onde a couraça checa é cotada no governo a 0,07, apesar de que seu valor real esteja em menos da metade: 0,03.

Recentemente, esteve visitando a Hungria e me surpreendi ante a verdadeira corrida ao dolar que se pratica nas ruas de Budapeste. Uma coisa de dar inveja a qualquer doleiro da Praça Mauá. De fato, ao desembarcar na velha estação ferroviária de Peste, visão de Viena, os passageiros são literalmente agarrados por uma multidão de cambistas que oferecem até 20 vezes mais pela moeda norte-americana. Aliás, em Buda, na parte histórica da capital, o governo testemunha oficialmente a desmoralização do florin ao aceitar “sombentés dólaires” como forma de pagamento de um simples cartão-postal.

Mas a questão monetária é apenas uma parte visível do iceberg socialista. A questão das nacionalidades em países como a Romênia, Bulgária e na própria URSS foi até aqui suprimida a ferro e fogo. Mas com a perestroika, retornou em glória e majestade. Na Bulgária, por exemplo, existe hoje grande indignação popular porque o governo atual e democrático permitiu que uma parte da população, em relação a própria origem, possa receber nomes murometanos. Mas este, por sua vez, já se imaginam livres da Bulgária e unidos ao Ira... Poderá Gorbachev dormir tranquilo com um balde desses?

Também é importante saber que o setor militar soviético está reagindo à queda do império comunista, o que também significa a desmobilização de legiões de soldados e a redução dos gastos em defesa. Aceitaria a cúpula militar, intimamente vinculada aos conservadores do PC, a transformação do atual modelo apoiado na segurança do Estado-gastador de armas numa nova sociedade consumidora de bens?

Em novembro passado, escrevemos aqui em Conjuntura que com sua glasnost, o presidente soviético se propunha a reinventar o comunismo para fazer com que a velha locomotiva soviética se desloque do atoleiro. Mas como locomotiva era mesmo muito pesada, o que talvez de melhor Gorbachev pudesse conseguir seria “incendiar a composição”. De fato, a composição está pegando fogo enquanto muita gente dentro e fora da URSS se pergunta: poderia o bulipeso agitprop* Gorbachev escapar de tão norumo incêndio?

Ou, como escreveu The Economist, no final do ano: no império soviético as metas já são tão ambiciosas e os acontecimentos tão rápidos que o próprio “Gorbi” já parece ao Yesterday man. Não o homem do ano de 1989, mas a essa altura o homem de ontem.

Ib Teixeira

*Agitprop, uma redução das palavras agitador e propagandista, constituiu uma das funções mais importantes dentro da burocracia do partido comunista. Era a função destinada aos militantes mais talentosos e capazes de influenciar as massas. Eles estavam reservados a funções de lançar as palavras de ordem e criar as campanhas políticas do partido. Gorbachev, com sua histórica perestroika e glosnost parece se constituir num dos mais fantásticos agitprop comunistas de todos os tempos.
Os 12 meses que abalaram o império comunista

Eduard Honecker, que consolidara o império comunista, Alemães orientais começam a derrubar o muro de Berlim.

Dezembro 1989 – O Partido Comunista da Lituânia faz aprovar no parlamento dispositivo que afasta a república lituana da federação soviética. É a primeira "república" da URSS a se tornar independente. Na república do Azerbaijão, a comunidade xiita exige que o território seja desmembrado da URSS e integrado ao Irã. Aos gritos de "Allá, só Allá é Grande", os xítas soviéticos derrubam os postos fronteiriços que separavam as fronteiras russas e iranianas. Luta armada entre a comunidade de armênios e azerbaijanos culmina com a demolição de pontes e a destruição de comboios que levam comida aos primeiros. O líder tcheco Alexander Dubček, deposto pelos tanques soviéticos na repressão ao movimento Primavera de Praga – o sonho de um socialismo com face humana – é eleito Presidente da Assembleia Nacional, enquanto o governo do país é expurgado da liderança marxista-stalinista.


Janeiro 1989 – O mundo se surpreende com a derrubada da cerca de arame farpado que separa a Hungria da Austrália. A Polônia reconhece oficialmente a Igreja Católica e o Vaticano. No mesmo mês, a Polônia realiza eleições e o Sindicato Solidariedade logra consagrar vitória ao eleger 99 dos 100 senadores poloneses. O exército chineses reprime a primavera de Pequim e fazia centenas de jovens.

Junho 1989 – O mundo se surpreende com a derrubada da cerca de arame farpado que separa a Hungria da Austrália. A Polônia reconhece oficialmente a Igreja Católica e o Vaticano. No mesmo mês, a Polônia realiza eleições e o Sindicato Solidariedade logra consagrar vitória ao eleger 99 dos 100 senadores poloneses. O exército chineses reprime a primavera de Pequim e fazia centenas de jovens.

Setembro 1989 – O governo húngaro rompe um acordo com a Alemanha Oriental e permite que milhares de alemães se refugiem na República Federal.


Novembro 1989 – A então República Democrática e Popular da Hungria se proclama uma República Independente e afasta de sua bandeira a foice e o martelo. Gorbachev anuncia o fim da doutrina Brezhnev, que consolidara o império comunista. Alemães orientais começam a derrubar o muro de Berlim.

Eduard Honecker, que consolidara o império comunista, Alemães orientais começam a derrubar o muro de Berlim.

Fevereiro 1989 – O Solidariedade ameaça o governo com greves e manifestações públicas. Estudantes húngaros clamam por liberdade.

Março 1989 – Na Hungria, os jornais do Partido Comunista rompem a proibição de mencionar a revolução de 1956.


Maio 1989 – O governo húngaro anuncia a deposição de Janos Kadar, que estava no poder desde a invasão soviética de 1956 que sufocara o movimento liberal magiar. Também se anuncia que o líder da revolução de 56, Imre Nagy, foi ilegalmente executado pelas tropas soviéticas de ocupação.

Agosto 1989 – Pela primeira vez na história um líder não-comunista é convocado a dirigir um país integrante do império comunista: na Polônia, chega ao poder como primeiro ministro Tadeusz Mazowiecki, líder do Solidariedade.